

OS NOVOS ARRANJOS FAMILIARES¹

Suely Pessoa Leite²

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trás uma abordagem do trabalho em termos conceituais, considerando o contexto e a historicidade como essenciais para o alcance do objetivo proposto, com a contribuição do serviço Social em que apresentaremos uma reflexão crítica acerca dos novos arranjos familiares e suas devidas interpretações sobre a sociedade as suas concepções.

Nos últimos tempos, dedicaram-se a descrever e a interpretar as relações das mudanças familiares, que ganham novo impulso, a partir dos fatores que contribuíram para estas mudanças avassaladoras e profundas de valores. Procurou-se também fazer articulações com a realidade e com a vida na sociedade.

O assistente social pode desempenhar um importante papel na construção dessa nova sociedade, seja mostrando como são produzidas as principais diferenças e semelhanças.

Portanto, no decorrer dos tempos houve muitas mudanças tanto nos laços familiares, como na estrutura econômicas, social, político e cultural que afetou a família e atual estrutura hoje encontrada na Contemporaneidade. Buscou-se demonstrar as aproximações e os distanciamentos sob essas perspectivas quanto considerando os princípios, as regras, os valores, direitos de personalidade e a proteção aos direitos da dignidade.

¹Artigo apresentado à Faculdade UNOPAR do Curso Serviço Social.

².Aluna do 3º Semestre do Curso Serviço Social

2.1. OS NOVOS ARRANJOS FAMILIARES

Os novos modelos de família são tantos, que tornou impossível classificar os bons e os maus planos de família. Alguns encontram o seu equilíbrio numa relação estável e fechada, uma célula voltada sobre si mesma que eles fortificam contra agressões e mudanças de qualquer tipo. Eles exigem muito dos seus parentes, mas em troca se prontificam a dar muito de si mesmos. Outros, ao contrário, nada querem sacrificar da sua aventura pessoal, preferem uma fórmula de família personalizada, sem constrangimentos e sem obrigações, onde os indivíduos vêm basicamente recarregar as suas baterias antes de saírem mais uma vez pelo mundo afora. (Collange apud José Filho, 1998).

Segundo Danda Prado (1994) Em consequência das novas formas de agrupamentos familiares, nas últimas décadas, muito se tem discutido sobre a crise da família faz uma alusão a esta crise:

Fala-se muito em crise da família, mas esquecemos que toda evolução permanente de qualquer fenômeno social implica transformação constante. Isso leva a diminuir o significado do passado, e passamos então a tudo observar, analisar e julgar exclusivamente sob a visão e compreensão atual ou contemporânea. (1994). A chamada Crise da família está sempre inscrita num contexto amplo de transformações sociais. (1994).

Assim, as famílias no atual contexto, têm se configurado de formas diversas e houveram mudanças significantes na família, colocando em questão a hegemonia da mesma, sendo que esta se restringe a acompanhar o processo de mudança que surge em torno da família contemporânea.

Um modelo familiar curioso e um tanto quanto novo em relação ao nosso estudo são as famílias de irmãos com filhos. Sem a presença dos pais ou dos companheiros, as pessoas se organizam juntamente com os filhos formando uma nova organização familiar.

Durante toda a pesquisa foi possível identificar também que o número de pais com filhos tem aumentado, apesar da porcentagem inferior em relação aos outros arranjos, é importante ressaltar que este modelo de família vem aparecendo de maneira discreta e ao mesmo tempo instigante, pois nele o pai além de ser o provedor, atrai toda a responsabilidade da dinâmica familiar a si.

Através do levantamento de dados realizado com as famílias atendidas pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREASS) foi possível caracterizar estas famílias monoparental beneficiadas pela ajuda de custo do governo a bolsa família presentes na sociedade

De acordo com a prefeitura apenas faz o cadastramento e o recadastramento das famílias. A liberação do benefício está a cargo do Governo Federal, por meio do Ministério do Desenvolvimento Social que incluiu o beneficiado, inscrito no programa, de acordo com a disponibilidade orçamentária, explicou, afirmando que hoje em Cáceres existem 1.534 habilitadas para receber o benefício e outras 2.046 aguardando habilitação. Ainda conforme a secretária, atualmente existem 8.601 famílias cadastrados no Bolsa Família em Cáceres, mas apenas 5.216 recebem o benefício.

A manutenção e o crescimento destes números estão associados diretamente ao trabalho que vem sendo realizado pela equipe da Ação Social desde o início do ano. Cáceres foi o município de Mato Grosso que mais atualizou cadastros da Bolsa Família.

Ainda sobre a responsabilidade em relação ao Bolsa Família, a secretária explica que o programa atribuiu aos municípios apenas a tarefa de

acompanhar as famílias beneficiadas inserindo-as nas políticas públicas, fazendo com que elas recebam educação, saúde, cursos profissionalizantes, orientações, palestras sócio educativas, além de fiscalizar e garantir a frequência escolar dos filhos e o acompanhamento da saúde básica, condições indispensáveis para receber o benefício.

De acordo com os dados do levantamento a cidade de Cáceres vem sofrendo muito com o descaso dos problemas enfrentando pela sociedade, por isso o índice de violência e envolvimento da família com vícios drogas e prostituição e alarmante não basta o governo ajudar esta família com o seu benefício, e sim investir na educação e na qualidade de vida.

A família vem passando por transformações ao longo do tempo Esta tendência de crescimento ocorreu de forma diferente. Nesse sentido, a Política Pública de Assistência Social marca sua especificidade no campo das políticas sociais, pois configura responsabilidades de Estado próprias a serem asseguradas aos cidadãos.

As sociedades contemporâneas caracterizam-se por constantes e sucessivas mudanças sociais. De entre as várias instituições sociais que compõe uma sociedade, a instituição família tem sido o mais afetado no que diz respeito a transformações na sua estrutura base. Várias têm sido as mudanças sociais nas sociedades ocidentalizadas que têm contribuído para o surgimento de novas formas de família: a entrada da mulher no mercado de trabalho, o aumento exponencial do fenômeno divórcio, o progresso científico, as novas exigências e a maior competitividade a nível laboral.

Eu não diria falida e defasada, e sim uma instituição que passou por uma grande série de transformações. Algumas positivas, outras nem tanto. Antigamente, o casamento era algo sagrado e por que não dizer. Obrigatório hoje ele é mais uma escolha, como tantas que fazemos nesta vida. Além da escolha de casar, a pessoa tem a escolha de se separar. Isso gerou uma mudança radical na estrutura familiar em si. Hoje existem famílias, chefiadas

por mulher, outras por homens, outras por um casal hetero outras por um casal homo. Ou seja, aquele padrão antigo familiar, caiu por terra. As regras familiares tornaram-se mais familiares, adaptáveis a pessoas que tem seus círculos de relacionamento cada vez mais instáveis. Hoje em dia é normal irmãos de pais diferentes. Filhos que se dividem entre duas casas. Homens e mulheres que se casam por diversas vezes. Entretanto, a única coisa que não muda, é justamente o fato de a família ainda ser a base psico-social-educacional do ser humano, independente de qual seja sua estrutura.

Segundo Ceverny (1997) A dinâmica populacional é um importante indicador para a política de assistência social, pois ela está intimamente relacionada com o processo econômico estrutural de valorização do solo em todo território nacional, destacando-se a alta taxa de urbanização especialmente nos municípios de médio e grande porte e as metrópoles. Estes últimos espaços urbanos passaram a ser produtores e reprodutores de um intenso processo de precarização das condições de vida e de viver, da presença crescente do desemprego e da informalidade, de violência, da fragilização dos vínculos sociais e familiares, ou seja, da produção e reprodução da exclusão social, expondo famílias e indivíduos a situações de risco e vulnerabilidade.

Estas modificações e reestruturações na organização familiar apontam a conclusões que apesar de ainda ser prevalecente na sociedade atual, a família é um modelo idealizado e reproduzido culturalmente, mas que está passando há longo tempo por um período de transição. Momento este ligado a uma época onde impera o individualismo, a globalização, desenfreado, a nova ordem econômica, as novas tecnologias e outros fatores que modificam as relações de trabalho, as relações pessoais e conseqüentemente as relações familiares. Com isso o que se observa não é exatamente o enfraquecimento da instituição familiar e sim o surgimento dos novos modelos e arranjos familiares, que baseiam-se em. Famílias com base em união livre. Famílias monoparentais dirigidas pelo homem ou pela mulher sendo que grandes

porcentagens destas famílias são dirigidas por mulheres. Divorciadas gerando novas uniões famílias recompostas. Mães adolescentes solteiras que assumem seus filhos; Mulheres que tem filhos através de produção independente.

Cuschnir (2007), faz um breve relato da instituição família, a partir da idade média, onde a figura do pai, o patriarca da família tinha autoridade absoluta, assim, como, a responsabilidade para com os filhos, pois a mulher cabia a preocupação em ter os filhos e organizar a vida social.

Kalil, (2005) explica que a família camponesa, a autoridade principal, não estava centrada no pai, mas na figura do aldeão, apesar de às vezes até três gerações viverem na mesma casa.

[...] Neste contexto emerge a família nuclear que vem como alternativa, em que se buscou uma outra pessoa para cobrir o abandono dos laços da família extensa, constituído assim uma nova família, sua própria família, a família proletária (CUSCHNIR, 2007, p. 78).

Segundo o autor, relata que na revolução industrial, deixa de aparecer a figura do pai e aparece o todo, ou seja, a família no seu conjunto, pois a mão - de- obra do proletário está concentrada na família, que se submete à salários muito baixos e a péssimas condições de vida e assim, geralmente toda a família tinha que trabalhar.

[...] Neste sentido não se poderia esperar o desenvolvimento de um superego forte nos indivíduos gerados dentro deste modelo familiar que inclusive, talvez por este motivo, foi levado mais tarde a aderir modelo de família burguesa (POSTER, 1979, p.89).

Conforme o autor coloca, o modelo de família burguesa ou nuclear surgiu como a estrutura familiar dominante na sociedade capitalista avançada do século XX, os filhos, se sujeitavam a um padrão de regras, com isso, resultando num burguês autônomo, um cidadão moderno que não necessitava de regras ou punições ou mesmo apoios externos, mas era orientado para enfrentar um mundo competitivo, tomar decisões independentes.

Cuschnir (2007), na contemporaneidade, com a imposição do sistema neoliberal, surge uma extrema mobilidade das configurações familiares, ou seja, novas formas de convívio são improvisadas em torno da necessidade de criar os filhos. Estas novas formas de convívio estão expressas nas famílias monoparental, que se compõe de um pai ou uma mãe e o (os) filho (os); recomposta, um segundo casamento; adotiva; homossexual; entre outras. É necessário pensar esta “desordem da família” e a “família tentacular” do atual quando social enquanto estruturas submersas no sistema econômico neoliberal.

[...] Nos últimos anos, as questões que envolvem a situação da mulher na sociedade moderna ainda se impõem por um lado, pela continuidade do papel da mulher dentro de sua casa, como mãe, esposa, educadora, cuidadora e, por outro, pelos novos desafios impostos por ela mesma e pela sociedade que a posicionam também como provedora do sustento, ganhadora do pão. Ao mesmo tempo, viver de forma independente passou a ser também uma opção da mulher e aceita pela sociedade moderna, no entanto, há vantagens e desvantagens em qualquer situação que participe (CUSCHNIR, 2007, p. 82).

Para o autor, o mundo dos negócios, do individualismo competitivo e a vida econômica da empresa, seu tempo envolve o espaço feminino segundo Cuschnir (2007), principalmente no mercado de trabalho, fez com que as mulheres hoje representem uma parcela superior a 45% da população economicamente ativa em cada uma das regiões pesquisadas. A presença da mulher no mercado de trabalho reproduz o padrão de incorporação que se registra entre os homens. A mais intensa participação ocorre na faixa etária entre 25 e 39 anos, quando percentuais que variam entre 65% e 78% das mulheres estão ocupadas ou mostram disponibilidade para trabalhar.

[...] A presença da mulher no mercado de trabalho reproduz o padrão de incorporação que se registra entre os homens. Os problemas enfrentados pelas mulheres no mercado de trabalho e na própria família e que é possível construir relações solidárias e de trabalho coletivo (CUSCHNIR, 2007, p. 67).

Conforme o autor, a entrada da mulher no mundo do trabalho, até pouco tempo atrás dominado pelos homens, redimensionou o sentido do ser feminino. Do lugar de sexo frágil, as mulheres se deslocaram para um outro onde a fragilidade é parte da força feminina que se expressa de múltiplas formas, desde o exercício das diversas tarefas que as ocupam nas duplas ou triplas jornadas de trabalho à capacidade de liderança revelada nas várias funções político-administrativas que hoje são ocupadas por elas.

Desta forma, no mundo contemporâneo, as mulheres, o sentido do trabalho se concentra na busca pela qualidade de vida, a melhoria do padrão de vida da família, seguida pela incessante busca do prazer da realização individual ao sentir que alcançou os objetivos que se auto-impôs.

[...] Para competir nesse mundo dominado por homens, nós, mulheres, sempre tivemos de ser duplamente boas em nossas tarefas e ver homens com a mesma competência que nos receberem salários três vezes mais altos, (KALIL, 2005, p.56).

Conforme a autora, muito se tem escrito sobre a dupla jornada da mulher. O que acontece com o homem ao chegar em casa? Geralmente, descansa, vê televisão... será que o mesmo acontece com as mulheres? De uma maneira geral, o que se espera daquelas que trabalham durante o dia, e quando chegam em casa iniciam outra jornada como mães, mulheres e donas de casa? Nos dias de hoje o que se espera das mulheres é um desempenho semelhante ao dos homens no ambiente de trabalho. E no âmbito familiar, o mesmo desempenho é válido para ambos os sexos?

No mundo contemporâneo, as mulheres pelo espaço conquistado, sua emancipação, encontra-se em constante conflito, que reside na realização pessoal e o cuidar da família. Há de se dizer então, que as famílias que sobrevivem são uma importante forma de resistência ao sistema político-econômico, que visa cada vez mais um indivíduo consumista, desamparado.

3. CONCLUSÃO

Com intuito de compreender nessa nova era, a família, considerada até então como sustentáculo da sociedade, ao longo dos tempos foi transformando suas estruturas, dito de outra forma, os laços afetivos foram deixados de lado, e o que hoje encontramos são reflexo de estereótipos e princípios do modo de produção que respondem às demandas ideológicas do sistema socioeconômico vigente, o neoliberalismo.

Este estudo fez um resgate histórico, que desvela a atual situação que hoje se encontra a família e no que ela se transformou ao longo dos tempos em função da reprodução do sistema econômico.

Portanto, através desta complexidade do tema que deu embasamento à pesquisa, da análise realizada sobre a família contemporânea, considera-se, todavia, que os pontos abordados, bem como a discussão realizada, sejam o início para uma pesquisa mais aprofundada, com o objetivo de instigar novas reflexões. Espera-se que este estudo possa contribuir para o encaminhamento de ações mais efetivas no que tange a família, em relação a suas mudanças sofridas nesses últimos anos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KALIL, Glória. Chic(érrimo). São Paulo: Conex, 2005

CUSCHNIR, Luiz. A Mulher e Seus Segredos. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

CEVERNY, C. M. O. Família e o ciclo vital : nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

COLLANGE, C. Defina uma família. Trad. Mário Fondelli. Rio de Janeiro: Racco. 1994.